

CNBB defende educação diferenciada

28 JUL 1998

Em Luziânia, até sexta, educadores discutem o ensino no meio rural

Professora do Unicef critica enfoque urbano da educação no campo

As entidades que participam a partir de hoje da "Conferência Nacional por Uma Educação no Campo", em Luziânia (GO), querem que o Governo trate de forma "diferenciada e específica" o sistema educacional que está sendo oferecido no meio rural. "Educação como formação humana, que constrói referências culturais e políticas para a intervenção das pessoas na realidade", diz o texto base da conferência, que reúne Confederação Nacional dos Bispos do

Brasil (CNBB), Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), Fundo das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco) e Universidade de Brasília (UnB).

"O Governo não discute o conteúdo programático das escolas rurais, enfatiza os valores da cidade, e acaba contribuindo para o êxodo rural, o que é péssimo", disse Ana Catarina Braga, oficial da área de educação do Unicef.

Uma das críticas dos setores envolvidos nesta conferência é a proliferação das escolas-pólo em várias regiões do Brasil. Os setores de educação de municípios e Estados se incumbem de colocar ônibus e kombis à disposição dos alunos para estudarem em escolas distantes até a 70 quilômetros de seu lugar de origem. "A criança é educada para gostar do meio urbano", reclamou o coordenador nacional de educação do Movimento Sem-Terra, Edgar Kolling. "Quando pedimos que se valorize a escola rural não é para tornar nossas crianças um bando de Jeca Tatu", acrescentou Kolling, em alusão ao personagem criado pelo escritor infantil Monteiro Lobato.

Currículo

O documento quer um currículo escolar rural que valorize os grupos sociais que vivem no campo, que contemple a relação com o trabalho na terra. Propõe, ainda, por exemplo, a "necessidade do resgate" do conceito de camponês. Segundo documento distribuído pela organização, os significados dessa palavra são sempre perjurativos. "Os dicionários tratam esses sujeitos como atrasados, preguiçosos, ingênuos e incapazes".

Para o coordenador do MST, o Ministério da Educação "desconhece o campo". Kolling criticou a ausência do serviço dos Correios nas regiões onde estão instaladas escolas rurais. "É um fator que dificulta que o professor faça contato com as novidades nos métodos de ensino", afirmou. Ele disse também que a TV Escola, um programa do MEC, chegou a apenas dez, das mil escolas nos assentamentos do MST. A conferência reúne, de hoje a sexta-feira, mais de mil educadores e lideranças políticas e rurais do País, que vão aprovar um documento final sobre o tema.